

JONATHAN FRANZEN

Pureza

Tradução
Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © NEW BOOK 2015 by Jonathan Franzen

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Purity

Capa

Elisa von Randow

Foto de capa

Markus Altmann/ Corbis/ Fotoarena

Preparação

Ciça Caropreso

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Ana Maria Barbosa

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Franzen, Jonathan

Pureza / Jonathan Franzen; tradução Jorio Dauster. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: Purity.

ISBN 978-85-359-2722-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

16-02714

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

PURITY EM OAKLAND

SEGUNDA-FEIRA

“Oi, minha querida, estou tão feliz de ouvir sua voz”, a mãe da garota disse ao telefone. “Meu corpo está me traindo outra vez. Às vezes acho que a vida não passa de um longo processo de traição do corpo.”

“A vida de todo mundo não é assim mesmo?”, disse a garota, que se chamava Pip. Ela se habituara a telefonar para a mãe no meio do dia, aproveitando a hora do almoço na Renewable Solutions. Ajudava a aliviar seu sentimento de que não era a pessoa certa para aquele emprego, que tinha um emprego que não era apropriado para ninguém ou que não havia nenhum emprego adequado para ela; então, depois de vinte minutos, podia sinceramente dizer que precisava voltar ao trabalho.

“Minha pálpebra esquerda está caindo”, sua mãe explicou. “É como se tivesse um peso nela, puxando para baixo, como a chumbada de um anzolzinho, coisa assim.”

“Ela está caindo agora?”

“Só de vez em quando. Fico imaginando se não é a paralisia de Bell.”

“Seja o que for essa paralisia de Bell, tenho certeza de que você não tem isso.”

“Se você nem sabe o que é, minha queridinha, como pode estar tão certa?”

“Sei lá... Por que você não está com a doença de Graves? Ou hipertireoidismo? Ou melanoma?”

Não que Pip se sentisse bem gozando sua mãe. Mas o relacionamento entre elas era sempre marcado por um *risco moral*, expressão útil que aprendera nas aulas de economia da universidade. Ela era como um banco grande demais na economia de sua mãe para falir, um funcionário indispensável demais para ser despedido por mau comportamento. Algumas amigas suas de Oakland também tinham pais problemáticos, mas ainda conseguiam falar diariamente com eles sem que nada desagradável acontecesse porque até os mais complicados possuíam como recursos muito mais que apenas uma filha única. Para sua mãe, Pip era tudo.

“Bom, acho que não vou poder ir trabalhar hoje”, disse sua mãe. “Meu Endeavor é a única coisa que faz aquele emprego tolerável, e não posso me conectar com o Endeavor quando há uma *chumbada de pescador* invisível puxando minha pálpebra.”

“Mãe, você não pode faltar por doença outra vez. Ainda nem estamos em julho. Imagine se você pegar mesmo um resfriado ou algo do tipo.”

“Enquanto isso, todo mundo fica imaginando o que é que aquela velha com metade do rosto caindo até o ombro está fazendo lá pondo as verduras deles na sacola de compras. Você não faz ideia de como tenho inveja do seu cubículo. Da invisibilidade que ele dá.”

“Também não vamos romantizar o meu cubículo”, disse Pip.

“Isso é que é terrível nos corpos. Eles são muito *visíveis*, muito *visíveis*.”

A mãe de Pip, embora sofresse de depressão crônica, não tinha nada de louca. Conseguira manter um emprego como caixa no mercado da New Leaf Community em Felton por mais de dez anos e, tão logo Pip abria mão de seu modo de pensar e aceitava o de sua mãe, a entendia perfeitamente. A única decoração nas paredes cinzentas de seu cubículo era um adesivo de para-choque que dizia PELO MENOS A GUERRA CONTRA O MEIO AMBIENTE VAI INDO BEM. Os cubículos de seus colegas estavam cobertos com fotos e recortes de jornais, porém Pip entendia muito bem a atração pela invisibilidade. Além disso, como esperava ser posta na rua a qualquer momento, não havia por que se instalar de vez.

“Você já pensou como vai querer não comemorar o seu não aniversário?”, perguntou à mãe.

“Sinceramente, gostaria de ficar na cama o dia todo debaixo das cobertas. Não preciso de um não aniversário para me lembrar que estou ficando mais velha. Minha pálpebra já se encarrega disso muito bem.”

“Por que você não faz um bolo e eu vou até aí para comermos juntas? Você está parecendo mais deprimida que o normal.”

“Não fico deprimida quando vejo você.”

“Ah, pena eu não estar disponível em pílulas. Você sabe fazer um bolo usando estévia?”

“Não sei. Estévia provoca alguma coisa engraçada na química da minha boca. A minha experiência me diz que é impossível tapear uma papila gustativa.”

“Açúcar também deixa um gosto na boca”, disse Pip, embora soubesse que era um argumento inútil.

“Açúcar deixa um gosto amargo que não é problema para as papilas, porque elas são feitas para registrar o amargo sem se fixar nele. Uma papila não precisa passar cinco horas registrando uma coisa estranha, muito estranha. Foi o que aconteceu comigo na única vez em que tomei uma bebida com estévia.”

“Mas eu garanto que o gosto amargo também permanece.”

“Há algo de muito errado quando uma papila gustativa continua registrando um gosto estranho cinco horas depois que você tomou uma bebida adoçada. Sabia que se você fumar metanfetamina uma única vez, a química do seu cérebro fica alterada pelo resto da vida? É assim que eu sinto o gosto da estévia.”

“Não estou aqui sentada fumando metanfetamina, se é isso que você está querendo dizer.”

“O que eu estou dizendo é que eu não preciso de um bolo.”

“Não, vou achar um bolo diferente. Desculpe ter sugerido um tipo de bolo que é um *veneno* para você.”

“Não falei que era veneno. É que a estévia simplesmente faz uma coisa engraçada...”

“Sei, na química da sua boca.”

“Minha queridinha, como qualquer bolo que você trouxer, o açúcar refinado não vai me matar, eu não quis te aborrecer. Filha, por favor.”

Nenhum telefonema estaria completo se uma não deixasse a outra infeliz. O problema, Pip achava — a essência das desvantagens que ela sentia ter,

a suposta causa de sua incapacidade de fazer qualquer coisa bem —, era que ela amava a mãe. Tinha pena dela; sofria com ela; ouvia com prazer o som de sua voz; sentia um tipo esquisito e nada sexual de atração pelo corpo dela; era solícita até com a química de sua boca; desejava que ela fosse mais feliz; odiava atormentá-la; simplesmente gostava dela. Esse era o bloco maciço de granito no centro de sua vida, a fonte de toda raiva e sarcasmo que ela dirigia não apenas contra a mãe, mas, o que se tornara mais e mais destrutivo nos últimos tempos, contra objetos não apropriados. Quando Pip se zangava, não era realmente com sua mãe, e sim com o bloco de granito.

Tinha oito ou nove anos quando lhe ocorreu perguntar por que o seu aniversário era o único comemorado na pequena cabana onde moravam, numa floresta de sequoias perto de Felton. Sua mãe havia respondido que ela não tinha um dia de aniversário; que o único que interessava para ela era o de Pip. Mas Pip a importunara até ela concordar em comemorar o solstício de verão com um bolo que elas chamariam de seu não aniversário. Isso suscitou a questão da idade da mãe, que ela se recusou a revelar, dizendo apenas, com o sorriso adequado para quem propõe uma charada insolúvel: “Tenho idade suficiente para ser sua mãe”.

“Não, que idade você tem *de verdade*?”

“Olhe as minhas mãos”, sua mãe havia dito. “Se treinar bem, você pode descobrir a idade de uma mulher olhando as mãos dela.”

Então — pela primeira vez, pareceu — Pip olhou as mãos de sua mãe. No dorso, a pele não era rosada e opaca como a sua. Era como se os ossos e as veias estivessem subindo aos poucos para a superfície; como se a pele fosse o mar recuando para expor formas no fundo de um ancoradouro. Embora o cabelo fosse abundante e muito longo, havia fios grisalhos parecendo mais secos, e a pele na base da garganta lembrava um pêssago já passado. Naquela noite, Pip ficou acordada na cama, preocupada com a possibilidade de que sua mãe fosse morrer em breve. Foi sua primeira premonição do bloco de granito.

Desde então, passou a desejar ardentemente que a mãe tivesse um homem em sua vida ou qualquer outra pessoa que a amasse. Entre os candidatos potenciais ao longo dos anos tinha havido sua vizinha Linda, que também era uma mãe solteira e também estudava sânscrito; o açougueiro da New Leaf, Ernie, que também era vegano; a pediatra Vanessa Tong, cuja forte atração pela mãe de Pip a levava a tentar fazer com que sua mãe se interessasse pela

observação de pássaros; e o faz-tudo Sonny, com barba de homem da montanha, para quem qualquer concerto, por menor que fosse, precisava ser acompanhado de um discurso sobre o modo de vida dos antigos habitantes dos Pueblos. Toda essa boa gente do vale do San Lorenzo havia entrevisto na mãe de Pip o que ela própria, no início da adolescência, tinha vislumbrado e de que se orgulhara: uma espécie indefinível de grandeza. Não é preciso escrever para ser um poeta, não é necessário criar coisas para ser um artista. O Endeavor espiritual de sua mãe era por si só uma forma de arte — uma arte feita de invisibilidade. Nunca houve uma televisão ou um computador na cabana delas antes de Pip ter doze anos; a principal fonte de notícias de sua mãe era o *Sentinel* de Santa Cruz, que ela lia para ter o pequeno prazer diário de se chocar com o que acontecia no mundo. Isso, aliás, não era tão incomum no vale. O problema é que a mãe de Pip irradiava uma crença modesta em sua grandeza, ou pelo menos se comportava como se tivesse sido alguém importante num passado anterior a Pip, sobre o qual se recusava terminantemente a falar. Ela não se sentia ofendida, e sim humilhada, quando Linda comparava seu filho Damian, que caçava rãs e respirava pela boca, com a especial e perfeita Pip. Imaginava que o açougueiro ficaria arrasado para sempre se ela lhe dissesse que ele cheirava a carne mesmo depois de um banho; sentia-se péssima quando fugia dos convites de Vanessa Tong, em vez de simplesmente admitir que tinha medo de pássaros; e, sempre que a enorme caminhonete de Sonny estacionava diante da cabana, ela obrigava Pip a atender a porta enquanto fugia pelo quintal rumo ao bosque de sequoias. O que lhe dava o luxo de ser tão inacreditavelmente exigente era Pip. Muitas e muitas vezes deixou claro: Pip era a única pessoa que satisfazia seus requisitos, a única pessoa que *ela* amava.

Naturalmente, tudo isso deu origem a ardentes constrangimentos quando Pip chegou à adolescência. Mas então estava ocupada demais em odiar e punir a mãe para registrar o mal que a falta de sociabilidade estava causando a suas próprias perspectivas de vida. Não havia ninguém lá para lhe dizer que, se quisesse se dar bem na vida, talvez não fosse uma boa ideia terminar a universidade com uma dívida estudantil de cento e trinta mil dólares. Ninguém a alertara de que o valor para o qual devia atentar ao ser entrevistada por Igor, o chefe do departamento de vendas da Renewable Solutions, não eram os “trinta ou quarenta mil dólares” de comissões que ele sugeriu que ela

poderia ganhar já no primeiro ano, e sim o salário-base de vinte e um mil dólares oferecido, ou de que um vendedor tão habilidoso como Igor também pudesse se mostrar competente em convencer jovens de vinte e um anos a aceitar empregos de merda.

“Sobre o fim de semana”, disse Pip em tom duro, “já vou avisando que vou querer conversar sobre uma coisa da qual você não gosta de falar.”

Sua mãe deu um risinho que pretendia ser amistoso, indicando sua vulnerabilidade. “Só há uma coisa que eu não gosto de falar com você.”

“Pois é exatamente sobre essa coisa que eu quero conversar. Só para você já ir sabendo.”

Sua mãe não respondeu. Em Felton, a névoa agora já teria se dissipado, a névoa que todos os dias sua mãe lamentava ver se dissolvendo, porque ela revelava um mundo luminoso ao qual ela preferia não pertencer. Praticava seu Endeavor melhor na segurança das manhãs cinzentas. Agora o sol devia estar brilhando, esverdeado e dourado ao passar pelo filtro das minúsculas agulhas das sequoias, o calor do verão se insinuando pelas sonolentas janelas da varanda, protegidas por telas, e jorrando sobre a cama que Pip, como adolescente sequiosa de privacidade, exigira para si, banindo a mãe para um catre na sala até ir para a universidade, quando ela a retomou. Naquele instante, provavelmente ela estaria na cama se exercitando no Endeavor. Nesse caso, não voltaria a falar a menos que alguém se dirigisse a ela: todo o seu corpo estaria concentrado na respiração.

“Isso não é uma questão pessoal”, disse Pip. “Não vou a lugar nenhum. Mas preciso de dinheiro, e você não tem, eu também não tenho, e só me ocorre um lugar onde eu talvez possa arranjar algum. Só há uma pessoa que me *deve* alguma coisa, mesmo que em tese. Por isso vamos falar sobre o assunto.”

“Minha queridinha”, disse sua mãe com tristeza, “você sabe que eu não vou fazer isso. Sinto muito que você esteja precisando de dinheiro, mas não se trata de gostar ou de não gostar de falar, e sim de poder ou não poder. E eu não posso, por isso vamos ter que pensar em outra coisa para você.”

Pip franziu a testa. Muitas vezes sentia necessidade de lutar contra a camisa de força das circunstâncias em que se encontrara metida dois anos antes, tentando achar alguma folga nas mangas, mas toda vez sentia a camisa de força tão apertada quanto antes. Ainda devendo cento e trinta mil dólares, ainda sendo o único consolo de sua mãe. Era realmente incrível como, de

modo instantâneo e absoluto, ela se vira apanhada na armadilha um minuto depois de terminarem os quatro anos de liberdade que havia gozado na universidade; seria o bastante para deprimi-la se pudesse se dar ao luxo de ficar deprimida.

“Está certo, agora vou desligar”, disse ao telefone. “Trate de se vestir para ir trabalhar. Seu olho provavelmente só está incomodando porque você não tem dormido o suficiente. Às vezes acontece comigo quando não durmo.”

“É mesmo?”, disse sua mãe, ansiosa. “Você também se sente assim?”

Apesar de saber que isso prolongaria o telefonema, talvez levando a discussão para o terreno das doenças geneticamente herdadas e sem dúvida exigindo numerosas mentirinhas suas, decidiu que sua mãe estaria melhor pensando na insônia do que na paralisia de Bell, até porque, como Pip vinha insistindo em vão havia anos, existiam medicamentos que ela poderia tomar para combater a insônia. Mas o resultado foi que, quando Igor enfiou a cabeça em seu cubículo, às 13h22, Pip ainda estava ao telefone.

“Mãe, desculpe, preciso desligar, tchau”, ela disse, encerrando a ligação.

Igor olhava direto para ela. Era um russo louro e injustamente lindo, com uma barba que dava vontade de acariciar. Para Pip, a única razão imaginável para ele ainda não tê-la despedido era por se comprazer em pensar que poderia trepar com ela; no entanto, Pip tinha certeza de que, se isso acontecesse, acabaria humilhada em dois tempos, porque Igor não apenas era lindo mas lindamente remunerado, enquanto ela era uma garota que só tinha problemas. Pip estava certa de que ele sabia disso também.

“*Desculpe*”, ela disse. “Desculpe este atraso de sete minutos. Minha mãe está com um problema de saúde.” Pensou no que havia dito. “Não, apague isso, não tenho por que me desculpar. Quais as chances de eu obter uma resposta positiva em sete minutos?”

“Eu dei a impressão de que a estava censurando?”, perguntou Igor, exibindo os cílios num rápido fechar e abrir dos olhos.

“Então por que enfiou a cabeça aqui dentro? Por que está me olhando assim?”

“Achei que você poderia querer jogar Vinte Perguntas.”

“Acho que não.”

“Tente adivinhar o que eu quero de você; vou limitar minhas respostas a inofensivos sim ou não. Escreva o que estou dizendo: só sins ou não.”

“Você quer ser processado por assédio sexual?”

Igor riu, contente consigo próprio. “A resposta é não! Agora você tem dezenove perguntas.”

“Não estou brincando sobre uma ação judicial. Um amigo meu que estuda direito diz que basta você criar um clima.”

“Isso não é uma pergunta.”

“Como posso lhe explicar o quanto isso não tem graça para mim?”

“Por favor, faça perguntas que exijam sim ou não como resposta.”

“Meu Deus. Vá embora.”

“Você prefere falar sobre o desempenho que teve em maio?”

“Vá embora! Vou começar a telefonar agora mesmo.”

Quando Igor se foi, ela trouxe sua lista de telefonemas para a tela do computador, examinou-a com má vontade e a minimizou de novo. Em seus vinte e dois meses de Renewable Solutions, só em quatro deles Pip conseguira ser apenas a penúltima, e não a última, no quadro branco em que eram registrados os contatos bem-sucedidos dela e de seus colegas. Talvez não fosse mera coincidência que quatro em vinte e dois meses fosse aproximadamente a frequência com que ela se olhava no espelho e via uma garota bonita, e não uma pessoa que poderia ser considerada bonita por qualquer um, mas não por ela própria. Sem dúvida herdara alguns problemas corporais da mãe, porém ao menos tinha as duras provas de sua experiência com rapazes para sustentá-la. Vários se sentiam muito atraídos por ela e poucos terminavam não concluindo que tinha havido algum erro. Igor vinha tentando resolver essa charada nos dois últimos anos. Analisava-a sem parar, tanto quanto ela se analisava nos espelhos: “Ontem ela parecia bonita, no entanto...”

Em algum momento, quando cursava a universidade, ocorreu a Pip a ideia — sua mente era como uma bexiga com aderência estática, atraindo ao acaso ideias que flutuavam nas proximidades — que o suprassumo da civilização consistia em passar a manhã de domingo lendo um exemplar do *New York Times* num café. Isso se tornara um ritual de todas as semanas, e na verdade, de onde quer que a ideia tivesse surgido, era nas manhãs de domingo que ela se sentia mais civilizada. Mesmo quando havia bebido até tarde na véspera, às oito da manhã comprava o *Times*, o levava para o Peet’s Coffee, pedia um bolinho amanteigado e um cappuccino duplo, se refestelava em sua mesa predileta num canto e durante algumas horas felizes esquecia seus problemas.

No inverno anterior, havia notado, no Peet's, um rapaz magricela e bem-apanhado que cumpria o mesmo ritual aos domingos. Passadas algumas semanas, em vez de ler o jornal ela ficava pensando em como o rapaz a estaria vendo enquanto ela lia, e se devia levantar os olhos para flagrá-lo olhando para ela, até que por fim se tornou claro que precisava encontrar outro café ou então falar com ele. Quando seus olhares se cruzaram de novo outro dia, Pip ensaiou uma inclinação convidativa de cabeça, mas tão anêmica e artificial, que ficou chocada com seu rápido efeito. O rapaz se aproximou dela imediatamente e propôs, com grande ousadia, que, como os dois iam lá na mesma hora todas as semanas, poderiam compartilhar o jornal e salvar uma árvore.

“E se nós dois quisermos ler o mesmo caderno?”, perguntou Pip com alguma hostilidade.

“Como você já vinha aqui antes de mim”, o rapaz disse, “terá prioridade na escolha.” Em seguida queixou-se de que seus pais, em College Station, no Texas, tinham o hábito perdulário de comprar dois exemplares do *Times* no domingo, para não brigar por causa dos cadernos.

Pip, como um cachorro que só sabe seu nome e cinco palavras bem simples da linguagem humana, ouviu apenas que o rapaz vinha de uma família normal, com pai, mãe e dinheiro de sobra. “Esse é o tempo que tenho só para mim na semana toda”, ela disse.

“Desculpe”, o rapaz disse, recuando. “Tive a impressão que você queria dizer alguma coisa.”

Pip não sabia como não ser hostil com rapazes de sua idade que se mostravam interessados por ela. Muito disso porque a única pessoa no mundo em quem confiava era sua mãe. Graças a suas experiências no ensino médio e na universidade, já tinha aprendido que, quanto mais simpático o rapaz, mais doloroso seria para os dois quando ele descobrisse que ela era muito mais complicada do que suas maneiras gentis o fizeram crer. O que ela ainda não havia aprendido era como não querer que alguém fosse simpático com ela. Os rapazes não simpáticos eram especialmente capazes de perceber isso e explorar tal necessidade. Portanto Pip não podia confiar nem nos simpáticos nem nos não simpáticos, além de não ser muito boa em distinguir um tipo do outro até estar na cama com eles.

“Talvez a gente possa tomar um café outra hora”, ela disse ao rapaz. “Desde que não seja nos domingos de manhã.”

“Está bem”, ele respondeu um pouco na dúvida.

“Porque agora que acabamos conversando não precisamos mais ficar olhando um para o outro. Podemos apenas ler nossos jornais, como seus pais.”

“Aliás, meu nome é Jason.”

“O meu é Pip. E agora que sabemos o nome um do outro, temos mais uma razão para não ficarmos nos olhando. Posso pensar Ah, olha lá o Jason, e você Ah, olha lá a Pip.”

Ele riu. Ela soube que Jason era formado em matemática na Stanford e que vivia o sonho de qualquer pessoa que tivesse um diploma nessa área, trabalhando para uma fundação que promovia o conhecimento da ciência dos números enquanto tentava escrever um manual que, ele esperava, revolucionaria o ensino de estatística. Depois de saírem duas vezes, Pip passou a gostar dele o suficiente para achar que era melhor terem relações sexuais antes que um dos dois se machucasse. Se ela esperasse muito, Jason ia acabar sabendo que ela era uma confusão de dívidas e obrigações, escapando enquanto era tempo. Ou ela teria de lhe dizer que sua afeição mais profunda era dedicada a um sujeito mais velho que não acreditava em dinheiro — na moeda corrente dos Estados Unidos, na mera posse daquilo — e ainda por cima era casado.

A fim de não ocultar tudo, contou a Jason sobre o trabalho voluntário que fazia nas horas vagas em favor do desarmamento nuclear, mas, como ele parecia conhecer bem melhor o assunto, apesar de ser o “trabalho” *dela* e não dele, Pip se tornou um pouco hostil. Por sorte ele era bom de conversa, revelando grande entusiasmo por Philip K. Dick, por *Breaking Bad*, por lontras marinhas e leões da montanha, pela matemática aplicada ao cotidiano e, em especial, por seu método geométrico de ensino de estatística, tão bem explicado que Pip quase o entendeu. Na terceira vez em que se viram, num restaurante que servia *noodles* e onde Pip foi obrigada a fingir que estava sem fome porque seu salário na Renewable Solutions ainda não havia sido depositado no banco, ela se viu numa encruzilhada: arriscar-se a criar uma verdadeira amizade ou recuar para a segurança de uma relação sexual sem maiores compromissos.

Ao saírem do restaurante, com um leve nevoeiro na calma dominical da Telegraph Avenue, ela entrou em ação e Jason reagiu avidamente. Pip sentia o estômago roncando ao se apertar contra o dele e esperou que Jason não estivesse ouvindo aquilo.

“Quer ir para a sua casa?”, ela murmurou no ouvido dele.

Jason disse que não, infelizmente sua irmã estava de visita.

Ao ouvir a palavra *irmã*, o coração de Pip se contraiu, cheio de hostilidade. Não tendo irmãos, ela era incapaz de não se melindrar com as exigências e o apoio em potencial dos irmãos de outras pessoas, da normalidade de uma família nuclear, da rica intimidade herdada.

“Podemos ir lá em casa”, ela disse com uma ponta de aborrecimento. E estava tão absorta em sentir raiva da irmã de Jason por expulsá-la do quarto dele (e, por extensão, do coração dele, embora ela não desejasse ardentemente um lugar nele), tão irritada com suas dificuldades enquanto os dois desciam a Telegraph Avenue de mãos dadas, que já tinham chegado à porta de sua casa quando ela se lembrou de que não podiam ir lá.

“Ah”, disse. “Ah, você me espera aqui um segundo enquanto eu resolvo um probleminha?”

“Hum, claro”, ele respondeu.

Ela lhe deu um beijo de agradecimento e eles ficaram se agarrando por dez minutos na porta, Pip feliz em ser tocada por um rapaz limpo e altamente competente, até que o ronco forte e audível de seu estômago acabou com o encanto.

“Um segundo, está bem?”, ela disse.

“Você está com *fome*?”

“Não! Bom, na verdade, de repente sim, um pouquinho. Mas no restaurante eu não estava.”

Girou silenciosamente a chave na fechadura e entrou. Na sala, Dreyfuss, um sujeito esquizofrênico com o qual ela dividia a casa, estava vendo um jogo de basquete com Ramón, um debiloide com quem também dividia a casa, numa televisão encontrada no lixo e cujo conversor digital Stephen, a terceira pessoa com quem dividia a casa e por quem estava mais ou menos apaixonada, tinha obtido em troca de alguma coisa na rua. O corpo de Dreyfuss, inchado por causa dos remédios que até então vinha tomando obedientemente, ocupava toda uma poltrona baixa também pega no lixo.

“Pip, Pip”, Ramón exclamou, “Pip, o que é que você está fazendo agora? Você disse que ia me ajudar com o meu vocabulário. Quer me ajudar agora?”

Pip levou um dedo aos lábios e Ramón tapou a boca com as mãos.

“Isso mesmo”, disse Dreyfuss em voz baixa. “Ela não quer que ninguém saiba que ela está aqui. E por que isso? Será que é porque os espões alemães estão na cozinha? Naturalmente, eu uso a palavra ‘espões’ de forma genérica, embora talvez não de forma inadequada, à luz do fato de que o Grupo de Estudo sobre o Desarmamento Nuclear de Oakland tem uns trinta e cinco membros, dentre os quais Pip e Stephen certamente não são os mais indispensáveis, e, no entanto, foi na nossa casa que os alemães escolheram para se instalar com toda a determinação e capacidade de intromissão tipicamente germânicas durante já lá se vai quase uma semana. Um fato curioso, digno de nota.”

“Dreyfuss”, Pip sibilou, aproximando-se dele para não ter que levantar a voz.

Dreyfuss cruzou os dedos com toda a tranquilidade sobre a barriga e continuou dirigindo-se a Ramón, que jamais se cansava de ouvi-lo. “Será que Pip está querendo evitar os espões alemães? Talvez especialmente hoje, quando trouxe um jovem cavaleiro, o qual andou osculando na porta de entrada durante os últimos quinze minutos?”

“Você é que é o espião”, Pip sussurrou indignada. “Odeio sua espionagem.”

“Ela odeia porque eu observo coisas que nenhuma pessoa inteligente deixaria de notar”, Dreyfuss explicou a Ramón. “Observar o que está à vista não é espionar, Ramón. E talvez os alemães também só estejam fazendo isso. O que torna alguém um espião, porém, é o *motivo*, e aqui, Pip...” Ele se voltou para ela. “Eu a aconselharia a se perguntar o que esses alemães decididos e inquisitivos estão fazendo na nossa casa.”

“Você não parou de tomar os remédios, parou?”, Pip sussurrou.

“*Oscular*, Ramón. Essa é uma boa palavra para o seu vocabulário.”

“Quer dizer o quê?”

“Significa *colar os lábios. Beijar de boca aberta.*”

“Pip, você vai me ajudar com o meu vocabulário?”

“Acho que ela tem outros planos para esta noite, meu amigo.”

“Querido, não, agora não”, Pip falou baixinho para Ramón e depois para Dreyfuss: “Os alemães estão aqui porque nós os convidamos, porque tínhamos espaço. Mas você está certo, preciso que você não diga a eles que estou aqui.”

“O que você acha, Ramón?”, perguntou Dreyfuss. “Devemos ajudar? Ela não está ajudando você com o seu vocabulário.”

“Ah, por favor. Trate você mesmo de ajudá-lo. Você é quem tem um vocabulário imenso.”

Dreyfuss voltou-se de novo para Pip e a olhou fixamente, seus olhos refletindo apenas inteligência e nenhum afeto. Era como se os medicamentos conseguissem controlar sua doença o suficiente para impedi-lo de trucidar pessoas na rua com uma espada, mas não para banir tal ideia de seus olhos. Stephen havia garantido a ela que Dreyfuss olhava para todo mundo da mesma maneira, mas Pip continuava achando que, se em algum momento ele parasse de tomar os medicamentos, ela seria a pessoa que ele perseguiria com uma espada ou coisa que o valha, a pessoa a quem seriam atribuídos todos os males do mundo, a conspiração contra ele; e, o que era pior, Pip acreditava que ele via alguma coisa de verdadeiro na falsidade dela.

“Não gosto desses alemães e de como eles espionam”, Dreyfuss lhe disse. “A primeira coisa que eles pensam ao entrar numa casa é como conquistá-la.”

“Eles são pacifistas, Dreyfuss. Pararam de tentar conquistar o mundo há uns setenta anos.”

“Quero que você e Stephen ponham eles para fora.”

“O.k.! Vamos fazer isso! Mais tarde. Amanhã.”

“Nós não gostamos dos alemães, não é mesmo, Ramón?”

“Gostamos quando só tem nós cinco, como uma família”, disse Ramón.

“Bem... não uma família. Não exatamente. Não. Cada um de nós tem a sua família, não tem, Pip?”

Dreyfuss olhou de novo no fundo dos olhos dela, de um jeito significativo, como quem sabe o que está dizendo, sem nenhum calor humano — ou talvez apenas sem nenhum traço de desejo? Será que todos os homens olhariam para ela com tamanha falta de sentimento se o sexo não fosse um fator? Ela se aproximou de Ramón e pousou as mãos em seus ombros gordos e caídos. “Ramón, meu querido, estou ocupada esta noite. Mas amanhã vou ficar em casa a noite toda, está bem?”

“Tudo bem”, ele respondeu, confiando totalmente nela.

Ela correu de volta para a porta da frente, viu Jason soprando nas mãos em concha, para esquentar os dedos, e o deixou entrar. Ao passarem pela sala, Ramón tapou a boca com as mãos de novo, macaqueando sua promessa de sigilo, enquanto Dreyfuss, imperturbável, assistia a um jogo de basquete. Havia muitas coisas para Jason ver na casa e pouquíssimas que Pip queria que ele

visse, além de Dreyfuss e Ramón terem cheiros muito característicos — Dreyfuss cheirava a fermento, Ramón a urina — aos quais ela estava acostumada, mas não os visitantes. Ela subiu a escada depressa e na ponta dos pés, na esperança de que Jason entendesse que era necessário ir rápido e não fazer barulho. Por trás de uma porta fechada do segundo andar vinham as cadências bem conhecidas de Stephen e sua mulher criticando um ao outro.

Em seu pequeno quarto do terceiro andar, ela conduziu Jason ao colchão sem acender nenhuma luz porque não queria que ele visse como ela era pobre. Terrivelmente pobre, mas os lençóis estavam limpos — em matéria de limpeza, ela era rica. Quando havia se mudado para o quarto um ano antes, tinha esfregado cada centímetro do chão e do peitoril da janela com um vidro de desinfetante em spray, e quando os camundongos foram visitá-la ela havia aprendido com Stephen que, entupindo com palha de aço todos os pontos concebíveis de entrada, os manteria à distância, e depois tinha lavado outra vez o assoalho. Mas só agora, depois de puxar a camiseta de Jason por cima de seus ombros ossudos e deixar que ele tirasse sua roupa e iniciasse as diversas preliminares prazerosas, ela se lembrou de que os únicos preservativos que tinha haviam ficado no nécessaire que ela deixara no banheiro do primeiro andar ao sair de lá, porque os alemães haviam ocupado o banheiro que ela costumava usar, sua higiene se tornando outra desvantagem. Deu um selinho no pênis perfeitamente circuncidado e ereto de Jason, murmurou “Desculpe, volto num segundinho” e se enfiou num penhoar que só vestiu direito e fechou com o cinto no último lance da escada, quando se deu conta de que não explicara aonde estava indo.

“Merda”, disse, parando na escada. Nada em Jason sugeria uma promiscuidade descontrolada, e ela ainda possuía uma receita válida para pílulas do dia seguinte, além de estar sentindo, naquele instante, que o sexo era a única coisa na vida em que ela demonstrava uma razoável competência; mas precisava tentar manter seu corpo limpo. Foi invadida pela autocomiseração, pela certeza de que para ninguém mais, além dela, o sexo era tão canhestro do ponto de vista logístico, um peixe gostoso tão cheio de espinhas. Atrás dela, atrás da porta do quarto conjugal, a mulher de Stephen levantava a voz ao falar de vaidade moral.

“Vou correr meus riscos com a vaidade moral”, Stephen interrompeu, “quando a alternativa é me engajar num plano divino que leva à miséria quatro bilhões de pessoas.”

“Essa é a essência da vaidade moral!”, a mulher retrucou vitoriosamente.

A voz de Stephen despertou em Pip um desejo mais profundo do que sentia por Jason, e bem depressa ela concluiu que não podia ser culpada de vaidade moral — era antes um caso de baixa autoestima moral, pois o homem que de fato desejava não era aquele com quem tencionava trepar agora. Seguiu na ponta dos pés até o andar térreo, passando pelas pilhas de materiais de construção recolhidos do lixo. Na cozinha, a alemã, Annagret, falava alemão. Pip entrou voando no banheiro, enfiou uma embalagem com três preservativos no bolso do penhoar, deu uma olhada furtiva para fora e recuou a cabeça rapidamente. Annagret estava de pé no umbral da porta da cozinha.

Annagret era uma bela mulher de olhos negros e voz agradável que contrariava as certezas preconceituosas de Pip sobre a feiura da língua alemã e os olhos azuis de quem falava aquele idioma. Ela e seu namorado, Martin, estavam passando as férias em vários bairros pobres dos Estados Unidos, ostensivamente para provocar uma consciência internacional sobre os direitos dos ocupantes ilegais de moradias e forjar conexões com o movimento norte-americano contra a bomba nuclear, mas, antes de tudo, a fim de se fotografarem diante de murais otimistas dos guetos. Na terça-feira anterior, num jantar do qual Pip foi obrigada a participar por ser sua noite como cozinheira, a mulher de Stephen havia arranjado uma briga com Annagret por causa do programa de armas nucleares de Israel. Como ela era do tipo para quem a beleza de outra mulher constituía uma ofensa pessoal, o fato de ela não ter nada contra Pip e, pelo contrário, tratá-la de forma maternal, confirmava a avaliação nada elevada que ela fazia de sua aparência. Mas o encanto natural de Annagret, mais acentuado do que prejudicado por seu corte de cabelo radical e pelas sobrancelhas com *piercings* enormes, tinha aborrecido tanto a mulher de Stephen que ela começou a dizer coisas claramente inverídicas sobre Israel. Como, por acaso, o programa de armas nucleares de Israel era o único assunto na área do desarmamento que Pip conhecia bem, tendo, não fazia muito tempo, preparado um relatório para o Grupo de Estudo, e como também tinha um profundo ciúme da mulher de Stephen, ela embarcou num discurso eloquente de cinco minutos resumindo as provas da capacidade nuclear israelense.

O engaçado é que isso havia fascinado Annagret. Dizendo-se “superimpressionada” com Pip, ela a conduziu para longe dos outros e, sentadas no

sofá da sala, tiveram uma longa conversa de mulheres. Havia algo de irresistível nas atenções de Annagret e, ao falar sobre o famoso “homem mau” da internet, Andreas Wolf, que ela conhecia pessoalmente, afirmou que Pip era exatamente o tipo de jovem de que o Projeto Luz do Sol de Wolf estava precisando. Insistiu em que largasse seu emprego horroroso, onde era explorada, e se candidatasse a um dos cargos remunerados que o Projeto Luz do Sol estava oferecendo; para isso, bastava responder a um questionário formal que a própria Annagret se encarregaria de aplicar antes de ir embora da cidade. Pip sentiu-se tão lisonjeada — tão *desejada* — que prometeu responder ao questionário. Ela vinha bebendo vinho de um garrafão, sem parar, nas últimas quatro horas.

Na manhã seguinte, sóbria, lamentou a promessa. Andreas Wolf e seu projeto estavam operando na América do Sul naquele instante, devido aos vários mandados de prisão europeus e norte-americanos expedidos contra ele por *hacking* e espionagem, e obviamente Pip não poderia abandonar sua mãe e se mudar para lá. Além do mais, embora Wolf fosse um herói para alguns amigos dela e Pip estivesse moderadamente intrigada com a ideia de Wolf de que o segredo representava opressão e a transparência, liberdade, ela não era uma pessoa com inclinações políticas; em geral, seguia os passos de Stephen, flertando com o engajamento da mesma maneira pouco sistemática como flertava com o exercício físico. Além disso, o Projeto Luz do Sol e o fervor com que Annagret falara sobre ele davam a impressão de se tratar de um culto. Por fim, tinha certeza de que, ao responder ao questionário, ficaria imediatamente claro que ela não era nem tão inteligente nem tão bem informada como seu discurso de cinco minutos sobre Israel a fizera parecer. Por isso vinha evitando os alemães, mas naquela manhã, ao sair para compartilhar o *Times* de domingo com Jason, encontrara um bilhete de Annagret cujo tom era de tanta mágoa, que Pip tinha deixado um bilhete do lado de fora da porta dela prometendo procurá-la à noite.

Agora, enquanto seu estômago continuava a indicar que estava vazio, esperou por alguma mudança no fluxo da conversa em alemão para saber se Annagret já havia saído da porta da cozinha. Por duas vezes, como um cão ouvindo a fala humana, Pip ficou certa de ter ouvido seu nome. Se estivesse raciocinando direito, teria entrado na cozinha, anunciado que estava recebendo um rapaz, que não poderia responder ao questionário, e subido em

seguida. Entretanto, estava faminta e o sexo se transformava mais e mais numa tarefa abstrata.

Por fim, ouviu passos, o arrastar de uma cadeira na cozinha. Disparou para fora do banheiro, mas a bainha do penhoar se prendeu em alguma coisa. Um prego num pedaço de madeira apanhado no lixo. Enquanto dava um passo para o lado, escapando da madeira que caía, ouviu às suas costas a voz de Annagret no hall.

“Pip? Pip, estou te procurando há três dias!”

Pip se voltou e viu Annagret avançando.

“Oi, é, me desculpe”, ela disse, ajeitando depressa a pilha de madeira. “Agora não posso. Tenho... Que tal amanhã?”

“Não”, disse Annagret sorrindo, “venha agora. Venha, venha, como você prometeu.”

“Bem.” A mente de Pip não estava em condições de estabelecer prioridades. A cozinha, onde os alemães estavam, também era onde havia leite e flocos de milho. Talvez não fosse tão terrível ela comer alguma coisa antes de voltar para Jason. Talvez se mostrasse mais eficaz, mais atuante e cheia de energia se comesse alguns flocos de milho antes. “Deixa eu só dar um pulinho lá em cima um instante. Um segundo, está bem? Prometo voltar logo.”

“Não, venha, venha. Agora mesmo. Só vai levar uns minutos, dez minutos. Você vai ver, é divertido, é só uma formalidade que precisamos seguir. Venha. Estamos esperando a noite toda por você. Vamos fazer isso logo, *ja?*”

A bela Annagret fez um sinal convidativo com a cabeça. Pip entendia o que Dreyfuss achava dos alemães; apesar disso, era confortável receber ordens de alguém. Além do mais, já estava lá embaixo havia tanto tempo que seria desagradável subir e implorar a Jason um pouco mais de paciência; sua vida já estava tão repleta de coisas desagradáveis que ela tinha adotado a estratégia de adiar confrontar-se com elas o tempo que fosse possível, mesmo quando a postergação tornasse provável que o resultado seria ainda pior.

“Querida Pip”, disse Annagret, acariciando seu cabelo quando ela se sentou à mesa da cozinha diante de uma grande tigela de flocos de milho e sem o estado de espírito certo para ter seu cabelo afagado. “Obrigada por fazer isso por mim.”

“Vamos fazer rapidinho, está bem?”